FACULDADE Eficaz
REVISTA ELETRÔNICA
ISSN 2178-0552

LITERATURA PARA CRIANÇA SURDA

CUNHA, Geicieli Mariano da

Resumo: Este estudo tem por tema a leitura destinada a crianças surda, analisando e evidenciando a importância da utilização de histórias infantil para crianças surdas como ferramenta para o processo de ensino/aprendizagem. Devido à deficiência auditiva, a leitura para criança surda exige elementos atrativos tais como histórias ilustradas de modo levar a criança ao mundo da fantasia. É importante também considerar o vocábulo e sua escrita sendo adequados para quem está iniciando a leitura. Este artigo trata-se de uma pesquisa bibliográfica onde objetiva pesquisar meios e formas dinâmicas para atender as crianças surdas inseridas no ensino regular que apresentam dificuldades em socializar-se e em aprender "conteúdos" exigidos para a série, então a importância da literatura para auxiliar neste processo, em que novas metodologias e adaptações vêm sendo apresentadas como histórias e literaturas próprias para a criança surda tendo uma ótima aceitação pelos novos leitores surdos. Autores como Vygotsky (1995), Quadros (2003), Capovilla e Capovilla (2001), Perlin (1998) e tantos outros contribuíram de forma significativa para a realização deste trabalho, onde foi possível compreender e valorizar as histórias infantis como rico material pedagógico para crianças surdas.

Palavras-chave: Criança. Surda. Literatura.

Abstract: *This study is intended to reading theme deaf children, analyzing and highlighting the importance of using children's stories for deaf children as a tool for teaching / learning. Due to hearing impairment, reading to deaf child requires attractive elements such as illustrated stories to take the child to the world of fantasy. It is also important to consider the word, and your writing is suitable for those who are starting to read. This article comes up a literature search where objective research means and dynamic ways to meet deaf children placed in regular education who have difficulty socializing and learning "content" required for the series, then the importance of literature to assist in this process, where new methodologies and adaptations have been presented as different stories and literature for the deaf child having a great acceptance for new deaf readers. Authors such as Vygotsky (1995), Quadros (2003), Capovilla and Capovilla (2001), Perlin (1998) and many others have contributed significantly to this work, it was possible to understand and appreciate children's stories as rich teaching materials for deaf children.*

Keywords: *Child . Deaf. Literature.*

1. INTRODUÇÃO

O tema a literatura para crianças surdas foi pensado a partir da curiosidade em conhecer melhor a criança surda bem como qual a melhor forma de ensiná-la e compreender o seu mundo que de certa forma, passa pela escola muitas vezes despercebida onde apresenta um potencial em aprender e ensinar aqueles que estão abertos à nova aprendizagem. Ao se deparar com uma sala de aula e ouvir a expressão "inclusão escolar", muitos se sentem despreparados para assumir uma responsabilidade de ensinar e educar uma diversificada

clientela. Este artigo justifica-se por meio da necessidade de conhecer cientificamente a surdez, suas características e como o aluno surdo reage aos estímulos dados em sala de aula, numa abordagem inclusiva de turmas com alunos surdos.

Muito se tem discutido sobre a importância de trabalhar com textos a partir da literatura para criança surda, bem como diversificar esta aprendizagem que ainda assusta as escolas e principalmente os professores que ainda não estão qualificados para receber os alunos surdos. Na fase de alfabetização, fase esta que requer muito estudo e dinâmica, ao oposto do que se pensa, é a fase mais importante para a aquisição da leitura e escrita, sendo a base para uma boa alfabetização e todo o processo de conhecimento escolar.

Neste sentido, pensar e trabalhar com a criança ouvinte nos remete a várias dinâmicas como, por exemplo, ler uma história infantil, assistir a um filme, apresentar em forma de teatro e várias outras atividades a relatar. Com a criança surda visivelmente nos parece mais complicado, sendo o aluno visual e necessitando ser atendido pela sua língua de sinais adquirida em seu convívio familiar, cabendo a escola ao receber este aluno adaptação de materiais para melhor aproveitamento da aprendizagem.

A língua materna como se sabe é aquela adquirida naturalmente no contexto familiar (MEC – Saberes e práticas da inclusão, 2006), e no ambiente linguístico a criança ouvinte chega à escola falando sua língua materna, cabendo a escola sistematizar este conhecimento, por outro lado a criança surda não tem esta imersão linguística idêntica a dos ouvintes em suas famílias e a escola passa a assumir esta função e oferecer condições para aquisição da língua de sinais e para o aprendizado da língua portuguesa. Portanto, este trabalho objetiva destacar a importância de se trabalhar a literatura bem como sua escrita com os alunos surdos, de modo a levar o aluno com deficiência auditiva a compreender o universo da leitura bem como reconhecer sua importância no meio social.

Para tanto, este se refere a uma pesquisa bibliográfica, para que haja um bom entrosamento na dinâmica da aprendizagem do aluno surdo como: materiais diversos da educação bilíngue, livros e artigos referentes ao tema; vídeos explicativos; livros adaptados de histórias para surdos e por fim, o próprio aluno surdo que é peça fundamental para este conhecimento.

O pesquisador necessita para a obtenção de um bom trabalho o contato direto com as informações de modo a garantir maior qualidade e fundamentação daquilo que ele almeja escrever e divulgar, assim para dar sequência ao trabalho, alguns tópicos importantes serão discutidos como: A importância da Leitura para Criança Surda; Identidade e Cultura Surda, e Políticas públicas: Produções de Materiais, mencionando e discutindo as importantes ideias de Vygotsky (1995), Quadros (2003), Capovilla e Capovilla (2001), Perlin (1998) e tantos outros que de alguma forma contribuem para a realização deste trabalho.

Conforme apresenta Vergara (2005, p. 47-48), “pesquisa bibliográfica é o estudo sistematizado desenvolvido com base em material publicado em livros, revistas, jornais e redes eletrônicas,

isto é o material acessível ao público em geral.” Assim, buscou-se livros, artigos científicos disponíveis na web de universidades, utilizando como palavras-chaves para pesquisa alunos surdos, educação inclusiva e literatura.

Ainda de acordo com Marconi e Lakatos (2001), a finalidade da pesquisa bibliográfica se destina a “colocar o pesquisar em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto” (MARCONI e LAKATOS, 2001, p. 44)

Portanto, analisar, investigar e refletir sobre a literatura destinada aos alunos com surdez faz com que o professor reveja sua metodologia de ensino de modo a efetivar e garantir um ensino-aprendizado de qualidade de modo que o aluno possa de maneira significativa relacionar o aprendizado escolar as vivencias diárias.

2. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA PARA CRIANÇA SURDA

A criança surda, devido a sua perda auditiva, se confronta com muitas barreiras no seu processo educativo, pois compõe um grupo de alunos que necessitam de alguns recursos e adaptações curriculares para que possa participar do processo ensino aprendizagem. A esse respeito, Vygotsky (1995) mostra que se a criança cega ou surda alcança os mesmos desenvolvimentos de uma criança dita normal, logo as crianças com algum tipo de deficiência alcançam o seu particular modo de desenvolvimento sob uma diferente maneira, em que é importantíssimo que o professor utilize metodologias de ensino alternativos de modo a conduzir a criança a aprendizagem.

De acordo com Quadros (2003), há relação entre o português escrito ao português falado:

> [...] a aquisição do português escrito por crianças surdas esteve, e ainda em muitos casos está baseada no ensino do português para crianças ouvintes que adquirem o português falado de forma natural. Onde a autora comenta sobre a utilização de várias tentativas de alfabetização da criança surda, como a utilização de métodos artificiais de estruturação de linguagem e o português sinalizado (QUADROS, 2003, p. 1).

Na realidade ao observar o cenário na qual a educação brasileira está pautada, tanto os professores quanto a escola de modo em geral não estão totalmente preparados para o recebimento de uma clientela tão complexa para o processo de ensino-aprendizado, tendo em vista que a criança surda exige do professor um planejamento de aula diferenciado dos alunos considerados normais. Por vezes esse planejamento diferenciado não ocorre, o que acontece como descreve Quadros (2003), há um processo de ensino-aprendizado onde a metodologia para o aprendizado do português escrito é o mesmo tanto para surdos e não surdos.

Quadros (2003) ainda defende que a criança como um ser dotado de saberes e possibilidade de aprendizados apresentam no decorrer de sua idade fases na qual são designadas aos ensinamentos conforme sua necessidade, assim ao se referir à fase pré-linguística, a criança começa a desenvolver atividades de expressão corporal, onde a capacidade artística é

trabalhada a fim de iniciar um ritmo de conhecimento de palavras e consequentemente a elaboração de frases. Observar figuras e descrevê-las é uma ferramenta auxiliadora nesse processo pré-linguístico, principalmente para a criança que apresenta surdez.

De acordo com o livro "Saberes e Práticas da Inclusão" desenvolvido pelo MEC – SEESP (2006), enfatiza a importância do contato entre crianças ouvintes e não ouvintes:

> Os tempos de aprendizagem e de reação naturalmente serão bem diferentes entre uma criança ouvinte e a surda, mas isso não impede que possam participar juntas de muitas atividades. Uma das primeiras descobertas é a conjugação da experiência tátil e visual, enriquecedora para todas as crianças. A possibilidade de ter um tablado onde as crianças possam deitar-se de bruços para ouvir música com o corpo também é emocionante para todos (MEC – SEESP, 2006, p. 56).

Há uma infinidade de alternativas de trabalho para crianças ouvintes e surdas, promovendo um contato direto entre ambas, promovendo além da inclusão, a aceitação e convívio social entre os alunos com diversas deficiências. É inconveniente imaginar que essa participação conjunta entre alunos com uma variedade de patologias venha a desencadear problemas futuros na aprendizagem dos alunos considerados normais, afinal, essa interação pode favorecer de modo significativo na valorização da vida como ela realmente é, bem como considerar as dificuldades dos colegas como uma dificuldade a ser vencida.

Capovilla e Capovilla (2001) destacam que a criança ao conseguir realizar a leitura de pseudopalavras, ou seja, palavras inventadas, esta poderá ler novas palavras e assim decodificá-las. Por meio de atividades de leitura e os raros ditados de palavras, esta é uma alternativa de ensino e utilização de atividade que tem auxiliado a cada vez menos ocorrer erros na leitura e escrita de palavras, partindo de palavras curtas até chegar a um agrupamento de silabas cada vez maior. Pesquisadores apontam pré-requisitos para que o surdo alcance habilidades de leitura e escrita realmente efetiva. Destacam-se a metodologia educacional adequada e direcionada para alfabetização (Skliar, 1999 e Lodi, 2000); o conhecimento de mundo (Mendes e Novaes, 2003) o conhecimento de estruturas gramaticais (Marchesi, 1995). Cárnio et al. (2000) enfatiza a importância de se ter uma base linguística bem definida, para que haja motivação do uso social da leitura e escrita. Marchesi (1995) afirma que:

> [...] a compreensão de texto está vinculada à amplitude do vocabulário, o conhecimento das estruturas sintáticas e o conhecimento que se refere tanto à estrutura da narração como a sua experiência pessoal, das situações, dos interesses e habilidade de fazer inferências e o da utilização da língua de sinais no contexto (MARCHESI, 1995, p. 204).

A Linguagem Brasileira de Sinais – Libras é uma ferramenta importantíssima e auxiliadora no processo de interação entre professor-aluno-conhecimento, porém, nem todos a domina e os professores destinados a atender os alunos surdos com cursos específicos de Libras são raros nas escolas. Deve-se cobrar mais dos responsáveis pela demanda de professores qualificados em Libras para seu pleno exercício em todas as escolas cujo seu alunado seja compreendido por alunos surdos.

Os livros adaptados para criança surda também é um marco importante na educação bilíngue onde profissionais dedicados desenvolvem vários "modelos" para que a criança a cada dia se inclua no meio da aprendizagem sem levar prejuízos no conhecimento. Pode-se citar como exemplo livros de literatura para crianças surdas como: "Os três porquinhos surdos", cujo autor é desconhecido, onde o Lobo tem que aprender libras para poder derrubar as casinhas; "Adão e Eva surdos" contado por Nelson Pimenta; "Cinderela Surda", cujos autores são Carolina Hessel, Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp, na história a linda Cinderela que perde as luvas e não os sapatos, entre várias outras que com todo encanto e magia se torna visivelmente contemplado pela criança surda despertando para o conhecimento da literatura, e para que aconteça este sucesso deve-se levar em conta a identidade e a cultura surda, onde a cada dia vem sendo reconhecida e "praticada", e isso será descrito neste próximo tópico.

2.1. IDENTIDADE E CULTURA SURDA

A cultura e identidade surda vêm se aprimorando principalmente pela defesa da língua de sinais como sendo a língua natural dos surdos, e esta inversão teórica toma a língua num primeiro momento como determinada pelas práticas e interações sociais nem segundo faz-se dela a definidora dessas mesmas práticas.

Segundo Labourit,(1994, p.39) "estou enjoada de ser prisioneira desse silêncio que eles não procuram romper. Esforço o tempo todo, eles não muito. Os ouvintes não se esforçam. Queria que se esforçassem", esta ideia explica o conflito dos surdos para interagir com os ouvintes por não fazerem entender e assim se tornem um grupo diferenciado com uma cultura também diferente.

No decorrer da história, Labourit (1994) relata que os surdos foram estigmatizados e considerados como de menor valor social, pois lhes faltavam à característica humana a linguagem oral bem entendida onde destituídos destas eram inferiores, e a língua de sinais era considerada apenas uma mímica gestual utilizada por esta comunidade. Infelizmente hoje ainda há quem discrimine deixando estes sujeitos sociais restritos de várias atividades. Há apenas distinção pela linguagem oral e a defesa da língua de sinais onde está deve significar um direito de pertencer a um mundo particular que parece significar a proteção dos traços humanos daquilo que faz o homem ser diferente a linguagem.

Várias patologias e nomenclaturas acompanharam durante muito tempo para definir a pessoa surda, pois eram considerados deficientes auditivos ou surdos mudos como uma patologia incurável, porém, agora passaram a ser diferentes deficiente auditivo e surdo segundo alguns autores como Moura (2000), por exemplo, são ideologicamente corretos. Os defensores da língua de sinais afirmam que é só de posse desta considerada "natural" adquirida em qualquer idade, que o surdo constituirá uma identidade surda, já que ele não é ouvinte (Perlin, 1998 e Moura, 2000).

> Somos notavelmente ignorantes a respeito da surdez, muito mais ignorantes do que um homem instruído teria sido em 1886 ou 1786. Ignorantes e indiferentes (...). Eu nada sabia a respeito da situação dos surdos, nem imaginava que ela pudesse lançar luz sobre tantos domínios, sobretudo o domínio da língua. Fiquei pasmo com o que aprendi sobre a história das pessoas surdas e os extraordinários desafios (linguísticos) que elas enfrentam, e pasmo também ao tomar conhecimento de uma língua completamente visual, a língua de sinais, diferente em modo de minha própria língua a falada (SACKS, 1989, p. 15).

O que devemos fazer realmente é repensar as diferenças que situam a diversidade discutindo as relações sociais e expressando formas para os processos de humanização e construção das identidades com um novo pensar e repensar as diferenças culturais. Assim será possível levar o ser humano a se descobrir como indivíduo dentro de sua cultura, onde a (re) construção das identidades culturais rompem a tão tradicional homogeneidade no nosso imaginário social onde a cultura surda. Seguindo essa linha de pensamento Sacks (1989, p. 24) relata “somos ignorantes no que diz respeito à surdez, especialmente no ponto de vista antropológico”.

Ainda fazendo alusão sobre a cultura surda, no que diz a tradição oralista prejudica a construção da identidade surda, dando margem à ideia de que é possível o surdo ser normal, ser ouvinte. Uma vez que essa é uma concepção da realidade como lutas e intempéries dos sujeitos surdos na (re) construção da identidade. Para ampliar este conceito embasei em concepções da autora Gladis Perlin (1998), pois considera significativo o seu pensamento e a sua luta pela causa surda.

Ao longo da evolução da Educação dos surdos uma concepção oralista domina diante da visão clínica sobre o sujeito Surdo, no qual trata o surdo como deficiente sem pensar nas diferenças linguísticas. E esta educação oferecida aos Surdos vem mostrando um ensino exagerado ao ensino da fala como devolução da humanidade, concentrando tarefas os educandos perdem de vista a importância da formação da Identidade e Cultura Surda para o Surdo.

De acordo Skliar, (1998, p.07), “as ideias dominantes, nos últimos cem anos, são um claro testemunho do sentido comum segundo o qual os surdos correspondem se encaixam e se adaptam com naturalidade a um modelo de medicalização da surdez”. Neste sentido, a negação da cultura surda, da Língua de Sinais, das identidades surdas é inerente à tradição oralista com pressupostos de que o surdo é estigmatizado como “deficiente auditivo”, que necessita da educação oralista, que sofre de sérias patologias necessitando de especialistas para construir a fala.

Para Perlin (1998, p. 52) “a identidade é algo em questão, em construção, uma construção móvel que pode frequentemente ser transformada ou estar em movimento, e que empurra o sujeito em diferentes posições”. Fazendo um paralelo entre cultura surda e a comunicação sabe-se que é vital na construção da identidade e o contato precoce entre adultos e crianças surda, através de uma língua gestual é o que proporcionara o acesso à linguagem. A falta desta língua comum entre ouvintes e surdos tem causado controvérsia na realização de atividades em sala de aula. Muitos professores valorizam o esforço da comunicação do surdo com isso

deixa em evidência a baixa expectativa em relação ao desempenho do aluno e acaba por considerar a inclusão satisfatória. Na realidade, estes alunos se esforçam e acompanham as atividades propostas em sala sem nenhuma dificuldade ou problema, porém faltam parâmetros para esta avaliação.

Por outro lado, as famílias das crianças surdas especificamente às mães, queixam-se que a inclusão não está acontecendo ao ver que o filho apresenta muitas dificuldades em aprender. Sobretudo, na falta de preparo especializado dos professores, esta é a realidade refletida na postura do professor diante das ações em relação às crianças.

Portanto, Skliar (1998) os surdos são vistos como tendo um acesso diferente ao mundo diferente na relação aos ouvintes, pelo fato de não ouvirem constituindo, e perante este acesso, as políticas públicas trazem diversos pontos que norteiam a inclusão e os direitos de adaptações de materiais e pessoas capacitadas para atender os alunos, onde temos a seguir mais detalhes.

2.2. POLÍTICAS PÚBLICAS: PRODUÇÕES DE MATERIAIS

Para que a inclusão realmente aconteça em sua totalidade, e especificamente os alunos surdos se apropriem desta educação, é essencial o atendimento educacional especializado tanto na modalidade escrita quanto na língua de sinais e devido à diferença linguística o aluno surdo deve estar sempre com outro ou em turmas comuns na escola regular. Para tanto o governo tem disponibilizado materiais e suporte que o aluno necessite, cabendo ao sistema de ensino organizar a educação disponibilizando as funções de instrutores tradutores/intérprete de Libras.

Este apoio à educação de alunos surdos tem como objetivo por meio do Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, a Educação de Pessoas Surdas, “subsidiar os sistemas de ensino e apoiar a formação de professores e profissionais da educação no que se refere ao processo educacional de alunos com surdez”. Ainda de acordo com o Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, as escolas de Educação Básica e da Educação Superior, devem ofertar aos alunos surdos o apoio de tradutor intérprete de Libras - Língua Portuguesa em todo ambiente educacional possibilitando assim a comunicação e o desenvolvimento de todo processo educativo.

Para melhor entender algumas referências de ações que buscam o fortalecimento das políticas de inclusão escolar aos alunos com deficiência auditiva o MEC-SEESP (1994) traz várias alternativas como o decreto de Libras que define formas para a Língua Brasileira de Sinais e da Língua Portuguesa, visando o acesso das pessoas á educação; a inclusão de programas interiorizados a Libras como formação continuada de professores, instrutores e interpretes de Libras para atuarem na educação dos surdos garantindo o respeito a diferenças linguísticas; a

criação de Centros de Formação de Profissionais de Educação e de Atendimento às Pessoas com Surdez (CAS), onde promove a formação continuada para professores e demais profissionais que atuam na área de surdez; facilitação de acesso ao Curso de Graduação em Letras/Libras – UFSC onde o MEC implantou o primeiro Curso de Graduação em Letras com licenciatura em Libras na modalidade a distância, com intuito de formar professores para o ensino de LIBRAS; a aplicação de exames de Proficiência em Libras e de tradução e interpretação em Libras - Prolibras um programa com Certificação Nacional criado pelo Ministério da Educação e a criação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES), um órgão do Ministério da Educação sendo um centro de referência nacional na área da surdez.

E para melhor garantir a inclusão e a aprendizagem dos alunos surdos no processo de escolarização, a SEESP distribui o Dicionário Enciclopédia Ilustrado Trilíngue para as escolas públicas com matrícula de alunos surdos e com deficiência auditiva. Ainda o INES disponibiliza aos sistemas de ensino o Dicionário Digital que pode ser acessado em seu endereço eletrônico em referência.

O MEC (2008) distribui várias Coleções Clássicas da Literatura em Libras/Português composta de dez títulos paradidáticos infanto-juvenis: Alice no País das Maravilhas, Iracema, Pinóquio, Aladim, O velho da Horta, Alienista, O caso da Vara, A Missa do Galo, a cartomante e o Relógio de Ouro.

Portanto, vários são os auxílios que as políticas públicas têm apresentado, de modo a levar a inclusão escolar a se adequar as conformidades legais bem como garantir um ensino de qualidade, efetivando o pleno desenvolvimento tanto dos alunos ouvintes como dos alunos surdos, pois estes representam em sua proporção muitos cidadãos que atuam na sociedade como agentes contribuintes para o futuro digno e respeitável de superação e possibilidades.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura como arte de criar e recriar textos apresenta todo conhecimento da cultura de um povo, assim a temática sobre a literatura para criança surda, fez com que o pesquisado atingisse os objetivos de analisar e compreender que ler e interpretar a literatura para criança surda se torna um prazer inexplicável onde cada sinal pode-se perceber os olhinhos brilhantes e entusiasmados da criança que se apropria desta “sena”, porém antes que ela tenha este contato deve ser preparada para receber esta forma de leitura de maneira a apaixonar-se pela literatura e se constituir como fator de aperfeiçoamento educativo estimulando e exercitando a mente do eu em relação ao outro.

Para os ouvintes os educadores das primeiras séries devem trabalhar diariamente com a Literatura, pois está se constitui indispensável para despertar a criatividade, e com criança surda não deve ser diferente, considerando que a valorização da cultura e identidade surda na

educação pode ser entendida como a presença de um instrutor surdo, priorizando a Língua Brasileira de Sinais como a língua materna dos surdos.

Desta forma, por meio desta pesquisa bibliográfica foi possível compreender a importância da linguagem, onde o educador precisa buscar entende-los para qualificar a comunicação, proporcionados pela amplitude da linguagem, especialmente através da Língua de Sinais, não limitando a ela, e sim buscando ações comunicativas que os alunos apresentam, por exemplo, a expressão, direcionado as atividades e o que cada aluno nos comunica, e através da literatura podemos explorar esta aprendizagem o que torna muito significativa para eles.

Porém, a maioria das pessoas surdas ainda não é dada à chance de estudar em uma instituição que considere estes fatores que as auxiliem, e a contribuição do professor de sala tem o papel fundamental nesse processo que lida diretamente com o aluno surdo, sendo imprescindível que haja um esclarecimento para os ditos “normais” e para os familiares e toda comunidade escolar, e com isso se espera que no futuro o valor das pessoas surdas seja a cada dia reconhecido perante o valor que possuem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

BRASIL, Ministério da Educação. **Educação infantil: saberes e práticas da inclusão**. 4ª edição, Brasilia: MEC, Secretaria de Educação Especial, 2006.

BRASIL. **Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em: 07 de junho de 2014.

CAPOVILLA, F. C. e CAPOVILLA, A. G. S. **Compreendendo o processamento do Código Alfabético : Como Entender os Erros de Leitura e Escrita das crianças Surdas**. São Paulo: Edusp, 2001.

CÁRNIO, M. S. ; GOMES, M.S.R. ; MECCA, F.F. D. ; COUTO, M. I. V. ; LICHTING, I. ; CARVALLO, R. M. M. **Disponibilidade para atividade de leitura e escrita de crianças surdas e ouvintes de três a cinco anos de idade.** Pró-Fono. Revista de atualização científica Barueri (S.P.) v.12, nº 2, p. 67 – 72, set.-dez. 2000.

INES. **Instituto Nacional de Educação de Surdos.** Disponível em: www.ines.org.br.

LABOURIT, E. **O vôo da Gaivota.** São Paulo: Best seller, 1994.

MARCHESI, A . E MARTIN, E. **Da terminologia do distúrbio às necessidades educacionais especiais.** In: COLL, C. PALÀCIUS, J. E. MARCHESI, A. (org.) Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e a aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico.** 3ª Ed. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Especial. SEESP/MEC. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/. Acesso em: Maio de 2014.

PERLIN, Gladis. **Histórias de vida surda: Identidades em questão.** Dissertação de mestrado – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1998.

SACKS, Oliver. **Vendo Vozes: uma jornada pelo mundo dos surdos.** Rio de Janeiro: Imago Editora, 1989.

SKLIAR, Carlos (Org). **A Surdez: Um Olhar sobre as Diferenças.** Porto Alegre: Ed. Mediação, 1998.

SKLIAR, C. **A localização política da educação bilíngüe para surdos.** In. Skliar, C. (org.) Atualidades da educação bilíngüe para surdos Ed. Meditação, 1999.

QUADROS, R.M. **Educação de surdos: efeitos de modalidade e práticas pedagógicas.** 2003. Disponível em: http://www.ronice.ced.ufsc.br/publicacoes/edu_surdo.pdf>acesso . Acesso em: maio de 2014.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e Relatórios de Pesquisa em Administração.** 4ª. Ed. São Paulo: Atlas, 2005.

VIGOSTKY, L, S. Fundamentos de Defectologia. In **Obras Completas Tomo cinco**. La Habana: Pueblo Y Educacion, 1995.